



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

A INTERVENÇÃO MUSICAL COM BEBÊS EM RISCO PSÍQUICO

Aruna Noal Correa¹-UFSM

Ana Paula Ramos de Souza-UFSM

GE: Educação, Neurociências e Complexidade.

Resumo

O presente resumo apresenta pesquisa de mestrado baseada no crescente aumento de diagnósticos dos Transtornos do Espectro do Autismo em bebês, bem como a dificuldade no progresso terapêutico de crianças que iniciam intervenções tardias, colocando em questão a importância da detecção precoce de bebês com risco de desenvolvimento desta psicopatologia (JERUSALINSKY, 2015). Nesse cenário, a perspectiva de detecção precoce de risco de evolução para o autismo assume grande relevância, tendo em vista sucessos terapêuticos relatados, como os casos de bebês em intervenção com sucesso já aos 3 meses de idade (LAZNIK, 2013). Considerando tal situação, temos empreendido esforços para detectar precocemente o risco de psicopatologias graves da infância, investindo na sensibilização de familiares para intervenção, o mais precocemente possível. Em 2013, passamos a apostar na perspectiva de intervenção precoce através da musicalização com bebês prematuros, com base em relatos na literatura sobre os efeitos da musicalização de bebês em risco psíquico. Indicou-

¹ Ambas as autoras são professoras na Universidade Federal de Santa Maria. Contato: arunanoal@hotmail.com.

se que uma intervenção musical poderia ser adequada para bebês em risco psíquico, como forma de alcançar os familiares e, também, como aposta para um trabalho direcionado nas instituições de educação infantil. Os trabalhos com música, propostos por Esther Beyer (2005), indicaram que a musicalização de bebês seria um caminho promissor para este estudo, aliado ao fato de apresentar baixo custo. Objetivou-se, para tanto, analisar os efeitos da musicalização como dispositivo de intervenção precoce junto a bebês em risco psíquico e seus familiares, a partir de estudo de caso. Como metodologia utilizou-se a pesquisa intervenção, baseada em encontros musicais semanais entre bebês e seus familiares e análise qualitativa dos dados produzidos. Concluiu-se que a estratégia é positiva e efetiva para o desenvolvimento de bebês em risco psíquico, e que contribui para o trabalho pedagógico junto aos bebês em berçários de nosso país.

Palavras-chave: Musicalização, Intervenção precoce, Risco psíquico, Desenvolvimento infantil, Autismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta dados referentes a pesquisa desenvolvida em nível de mestrado através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. O mesmo justifica-se em função do aumento significativo de diagnósticos de Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) a partir do ano 2000, bem como, a certeza de que a detecção e intervenção precoces levam a um prognóstico mais específico dos casos (LAZNIK, 2013; JERUSALINSKY, 2015).

Dentre os grupos de pesquisa, dois têm empreendido esforços, a partir de postura psicanalítica, para detectar precocemente o risco de psicopatologias graves da infância através de dois instrumentos criados para inserção nas consultas pediátricas. Em nosso país, as pesquisadoras Kupfer e Volontolini (2005) organizam reflexões acerca de Índices Clínicos de Risco ao Desenvolvimento Infantil (IRDIs), pesquisa concluída no ano de 2008 (KUPFER, 2008). Na França, o grupo de pesquisa e clínico da Asociación PREAUT (2012), propôs os Sinais PREAUT, com objetivo mais específico de detecção de risco de evolução para o autismo.

Diferentes investigações têm comprovado a pertinência dos IRDIs na detecção de risco ao desenvolvimento ou psíquico e sua correlação com alterações no exercício das funções parentais, como Kupfer & Bernardino (2010) ou Beltrami *et al.* (2013), assim como, acerca das dificuldades psicomotoras, alimentares e de linguagem do bebê, entre estudos tais

como Vendrúscolo *et al.* (2012), Flores & Souza (2014), Oliveira & Souza (2014), Vendrúscolo & Souza (2015).

Com relação ao autismo, especificamente, há algumas hipóteses atuais que sugerem que o autismo tem origem em falha pré-natal no desenvolvimento dos sistemas que programam o *timing*, a coordenação motora seriada, o controle prospectivo de movimentos, o controle da regulação afetiva das experiências, dificultando o engajamento do bebê em interações com seus cuidadores/familiares (TREVARTHEN & BUTT, 2013; MURATORI, 2014).

Quanto aos sinais neurológicos elencados em pesquisas, estes levariam, com dificuldades, ao mantelamento perceptivo (GOLSE, 2013), bem como, o estabelecimento da intersubjetividade primária. Os bebês em questão são pouco apetentes simbolicamente (LAZNIK, 2013), demonstrando pouco interesse pelo manhês, ou musicalidade comunicativa, como sugere Trevarthen (2013), como forma particular e afetiva de as mães interagirem com seus filhos, sobretudo quando eles respondem a elas com reciprocidade ou apetência simbólica (LAZNIK, 2013).

Essa falta de apetência criará dificuldades na construção da intersubjetividade secundária, que segundo Golse (2013) é estudada pelo campo psicanalítico como dificuldades em estabelecer o terceiro tempo do circuito pulsional fruto do processo de alienação (Kupfer, 2000; Laznik, 2013; Jerusalinsky, 2015).

No que se relaciona a visão de cognição social, estabelece um ciclo vicioso no qual a criança produz pequenas respostas ou até ausência de respostas às investidas parentais, o que dificulta a manutenção da interação e do investimento no manhês pelos pais (COHEN *et al.*, 2013), isso porque esses bebês parecem investir mais em objetos do que no compartilhamento de ações (Saint-Georges *et al.*, 2011).

A INTERVENÇÃO MUSICAL PRECOCE

Na presente investigação, a música apresentou-se como possibilidade de intervenção precoce. Isto, em função de falhas nos sinais PREAUT e IRDIs que evidenciaram risco de evolução para autismo. Nesse sentido, a abordagem de musicalização de bebês organizada com base na proposta desenvolvida por Esther Beyer (CORREA, BELLOCHIO, 2010) apresentou-se promissora, tendo em vista a rotina musical que insere, de modo harmônico, movimentação corporal, favorecendo a integração sensorial e a possibilidade de o bebê liberar a córtex para entrar em relação, considerando os aspectos maturativos.

Em relação aos aspectos afetivos envolvidos na constituição psíquica, os trabalhos de Carvalho (2012), Bialer (2014) e, principalmente, Januario e Tafuri (2010) anunciam que a música funciona como espaço de relação com crianças autistas em função da possibilidade de fisgar a atenção do bebê, seja pelo ritmo quanto pela melodia, dentre outros aspectos.

Sobremaneira, motivadas por essa perspectiva e por trabalhos de musicalização de bebês orientados por Esther Beyer, que atingiu no projeto “Música para Bebês” do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul mais de 700 bebês e suas famílias em dez anos, favorecendo a construção do valor da música nos primeiros anos de vida, conectados a momentos de descontração, lazer e vínculo entre pais e filhos.

Uma das pesquisadoras que articularam suas análises aos momentos de aula de música para bebês de Esther Beyer é Stahlschmidt (2002) no qual os efeitos positivos da musicalização na reversão do risco psíquico do bebê ficou em evidência em dois casos de bebês que estavam acolhidos em abrigos da cidade de Porto Alegre. E, nesse sentido, entre as características que favoreciam a construção do vínculo, destacam-se a valorização da participação do familiar de modo efetivo na construção musical do bebê, o que promove momentos de prazer entre o cuidador (em geral a mãe, as vezes, o pai) e o bebê, a liberdade de adaptação ativa das atividades as demandas do bebê dentro da rotina proposta e a possibilidade de domínio crescente da música por meio de atividades lúdicas que consideram as habilidades psicomotoras, cognitivas, afetivas e linguística do bebê em cada idade. O que, de modo efetivo, credenciou a abordagem para ser tomada como uma proposta de intervenção precoce junto a um grupo.

MÉTODO

A amostra deste estudo, qualitativo e longitudinal, foi constituída de um menino (I) com risco psíquico de evolução para autismo, avaliado pelos IRDIs e pelos sinais PREAUT, com três meses e alguns dias, proveniente de uma pesquisa maior na qual 140 bebês são acompanhados longitudinalmente de uma vinte e quatro meses, considerando os instrumentos citados, o teste de triagem de Denver II, análises das interações mãe(ou substituta)-bebê por meio de filmagens e entrevista inicial e continuada nas coletas. Estas incluem as faixas etárias de um mês, três meses, seis, nove, doze, dezoito e vinte e quatro meses. Para este artigo foram utilizadas as análises relativas aos sinais PREAUT e IRDIs das coletas de três meses e um dia, seis meses e 8 meses e um dia, dados da entrevista inicial.

Para constituir o grupo de musicalização além de I. e sua mãe (MI), dois outros bebês, um menino prematuro (K) e sua mãe (MK) e uma menina nascida a termo (L) e sua mãe (ML) foram convidados a participar da pesquisa. As díades K-MK e L-ML não apresentavam risco psíquico quando avaliadas pelos IRDIs e sinais PREAUT. As principais características dos bebês e suas famílias estão sintetizadas no quadro 1.

Sujeito	Idade inicial	Idade final	Familiares	Idade dos familiares	Profissão dos pais	Frequência aos encontros
I	5m 14d	9m	Mãe(MI) Pai (PI) Irmão1 (Ir11) Irmão2 (Ir12)	26 anos 36 anos 07 anos 09 anos	Do lar Pedreiro Estudante Estudante	Nove encontros Cinco com os irmãos
K	8m 12d	1a 1m	Mãe (MK) Pai (PK)	20 anos 26 anos	Do lar Pedreiro	Cinco encontros
L	7m 11 d	11 m	Mãe (ML) Pai (PL) Irmão (IrL)	33 anos 42 anos 08 anos	Do lar Policial Estudante	Nove encontros dois com o irmão.

Quadro 1- Síntese de características dos bebês e família

Legenda: m=meses, d=dias, a=anos, EMI=ensino médio incompleto, EMC=ensino médio completo.

Fonte: Dados da pesquisa elaborado pela autora.

Aprovado seguindo a resolução 466/12, o projeto compôs uma pesquisa maior aprovada no CEP da UFSM sob CAE: 28586914.0.0000.5346. Por isso, aos voluntários, responsáveis pelos bebês, foram esclarecidos os objetivos e procedimentos da pesquisa e lhes foi lido o termo de consentimento livre e esclarecido que os mesmos assinaram após concordarem com sua participação e de seus bebês.

Neste primeiro dia de contato entre os bebês e familiares que participariam do grupo de música, responderam a uma entrevista semi-estruturada para obtenção de dados sócio-demográficos, obstétricos e psicossociais. Dentre os bebês e seus familiares, participantes da pesquisa, os voluntários foram captados no teste do pezinho realizado na unidade básica de saúde (UBS) na qual também foram realizados o grupo de musicalização e as filmagens da coleta maior.

Sendo que os demais protocolos foram aplicados antes e após as filmagens e, diante de dúvidas, foi possível que mais de um examinador conferisse os valores atribuídos por meio da visualização dos filmes.

O ambiente era organizado antes de cada encontro de musicalização em uma sala de uso coletivo em unidade básica de saúde do município de Santa Maria/RS, com disponibilização de colchonetes e almofadas em círculo que previa a acomodação das díades, da pedagoga responsável e da pesquisadora. Os encontros foram filmados na íntegra para análise posterior, contando com duas câmeras (uma de visão geral do grupo e uma mais próxima a I e MI).

A escolha das atividades de musicalização se baseou naquelas que, da rotina proposta por Esther Beyer, pudessem favorecer condutas intersubjetivas e receptividade dos bebês a pessoas. Dentre elas a Canção de entrada/chegada, Balões em movimento, História “O trem”, relaxamento com bolinhas de massagem, estimulação do balbúcio com espelhos, exploração de instrumentos musicais, o Pula Pula, a Pulguinha e a Canção despedida.

As filmagens dos encontros de musicalização foram transcritos e analisadas *a posteriori*, levando em conta aspectos qualitativos como a adaptação ativa realizada por MI, a presença de indícios de alienação por parte de I, e a interação da díade MI-I entre si e com os demais participantes do grupo, a partir das quais foram retiradas cenas para exemplificar a evolução de I e MI. Também, foi realizada análise das filmagens dos encontros inicial, intermediário e final de musicalização por meio da escala de Saint-Georges et al. (2011) que aborda comportamentos infantis e maternos a partir de uma perspectiva de cognição social.

Quando a presente pesquisa finalizou os encontros musicais, I. foi avaliado, aos onze meses, por uma terapeuta ocupacional e psicanalista para averiguar a estabilidade de sua evolução e a necessidade de nova intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em função do estudo de caso, tomamos como base para análise as situações vivenciadas nos encontros de música pelo menino I., que ingressou no grupo com cinco meses e quatorze dias, concluindo com nove meses. Ele é o terceiro filho do casal, nasceu de parto vaginal de uma gestação planejada. A mãe afirma tê-lo desejado muito e que o casal ficou muito feliz com a notícia da gravidez. O pai assumiu o sustento familiar, ao optarem por MI parar de trabalhar para cuidar dos filhos após ao nascimento de I, mesmo com as dificuldades financeiras da família.

Com o convite para participação no grupo de musicalização, o risco psíquico não foi explicitado, mas explicou-se sobre a importância das aulas para desenvolvimento e socialização de I., considerando que as pesquisadoras percebiam um certo retraimento no menino. Participação que passou a ocorrer na semana seguinte ao convite.

MI chegou para o primeiro encontro silenciosa e começou a observar as demais mães e se ambientar com os demais participantes. Durante as entrevistas, percebeu-se que a mãe sentia vergonha das pessoas, esforçava-se com um sorriso, para começar as interações. Já I. chorou muito nas primeiras aulas, tendo dificuldade de participar do grupo. A cena 1 evidencia essa característica da mãe e do menino no primeiro encontro em que participaram:

CENA 1: Olhando para os objetos na hora do Oi

Na hora do “Oi”, I. presta atenção na almofada colorida. A professora começa o “Oi” direcionando seu olhar para K. I. olha para a professora a seguir mas para sua mão que abana enquanto dá “Oi”. Demonstra excitação com braços e instabilidade do tronco (balança para um lado e outro)², enquanto olha a professora na atividade. No momento, em que a professora direciona o “Oi” para I., MI tenta estimulá-lo para que ele olhe para a professora, colocando seu braço sobre os braços de I. e tentando direcionar uma resposta de “Oi”.

Percebe-se a dificuldade de I. em manter a atenção nas pessoas e de controle psicomotor. Em outros momentos como na cena 2, ele chora incomodado com a possibilidade de ficar deitado sobre o colchonete:

CENA 2- A dificuldade de deitar e explorar os balões:

No momento de brincar com os balões sobre o tule a mãe deita I., mas ele parece desconfortável para ficar deitado (está sem camisa). Olha os balões e estica o braço direito por algum tempo para tocar, depois fica mais incomodado, e faz opistótono. A mãe o reposiciona e depois o coloca sentado, quando percebe que ainda está incomodado..... A mãe de I. (MI) está tensa e pouco confortável, pois tem dificuldades de tranquilizá-lo. Oferece dois balões em sequência, os quais ele deixa escapar sem explorar. I. choraminga.

Durante as escutas, realizadas em momentos anteriores aos encontros de musicalização, descobriu-se que MI teve uma infância difícil, não podendo conviver de forma harmoniosa com a mãe biológica. Foi adotada e depois sofreu muito quando voltou a morar com a mãe biológica. MI contou que a primeira gestação foi difícil, pois era jovem e sem

²A instabilidade de tronco de I. relaciona-se ao fato de ainda não ter maturado para sentar sem apoio. No entanto, cabe ressaltar que seus movimentos globais tipo *flapping* e sua dificuldade de antecipar gestos para a preensão estavam de acordo com observações de Muratori (2014) sobre sinais precoces de autismo. Muratori, em reunião de pesquisa com a quarta autora visualizou vídeos de I. confirmando esta análise.

experiência. Cabe ressaltar que os outros filhos, diferentemente de I., não apresentavam qualquer retraimento ou psicopatologia.

Considerando os IRDIs da fase 1, observou-se a ausência dos seguintes itens na análise das interações de I. e MI, antes da intervenção musical: 3. A criança reage ao “manhês”; 4. A mãe propõe algo à criança e aguarda sua reação; 5. Há troca de olhares entre a criança e a mãe. Considerando os resultados da pesquisa de Kupfer (2008), a ausência de apenas três IRDIs na fase um indicaria risco ao desenvolvimento e não necessariamente risco psíquico, já que para aquela pesquisa os cinco primeiros IRDIs deveriam estar ausentes para prever psicopatologia grave. No entanto, I. apresentava evidente desconexão nos sinais PREAUT, que são mais sensíveis e específicos para risco de evolução para o quadro de autismo.

Embora MI conseguisse estabelecer as demandas e supor um sujeito em I., eixos percebidos pela presença dos IRDIs um e dois (1. Quando a criança chora ou grita a mãe sabe o que ele quer e 2. A mãe fala com a criança num estilo particularmente dirigido à ela (manhês)), evidenciando ansiedade pela precariedade no retorno de I.

Quanto as tentativas de comunicação, o que ficava evidente na ausência do índice quatro, pois não conseguia aguardar as respostas de I. MI propunha algo a I. e ela mesma respondia, sem aguardar a resposta do filho, regulando o comportamento de I. em função das dificuldades na sustentação do olhar e na falta de consistência nas repostas do menino, quando solicitado pela mãe.

Também é interessante notar que a ausência de olhares e a falta de reação ao “manhês” denunciavam o que seria encontrado nos sinais PREAUT, pois I. apresentou a respostas “não” para todos os itens quando testado na observação dos pesquisadores antes da filmagem. I. não procurava espontaneamente a pesquisadora ou a mãe, nem sob estimulação, o que lhe atribuiu uma pontuação zero na primeira parte do questionário. O mesmo ocorreu na segunda parte três e quatro que confirmam as observações iniciais desdobrando a análise em olhar, sorrir e suscitar troca prazerosa.

Durante a filmagem da pesquisa maior, observou-se um momento de reação ao “manhês” feito pela mãe, mas muito breve, com movimentação global do corpo e sem manutenção da interação além de três segundos. Também não endereçava ou sustentava o olhar para a mãe.

Na segunda fase de filmagens, em que foram avaliados os IRDIs entre quatro e oito meses, I. foi avaliado entre os seis meses e um dia e sete meses e 29 dias, observou-se que a dupla não apresentava os índices: 6. A criança utiliza sinais diferentes para expressar suas

diferentes necessidades. 7. A criança reage (sorri, vocaliza) quando a mãe ou outra pessoa está se dirigindo a ela. 8. A criança procura ativamente o olhar da mãe, demonstrando que o risco psíquico se mantinha durante o início do processo de musicalização.

Na terceira fase da coleta maior, cujas análises foram realizadas entre oito meses e um dia e nove meses e vinte e nove dias, em termos de sinais PREAUT percebeu-se que I. já reagia à estimulação da pesquisadora e da mãe, e também olhava espontaneamente para ambas. Não apresentava IRDIs ausentes. Nas cenas 3 e 4 exemplifica-se a evolução de I.- MI ao final dos encontros de musicalização.

CENA 3: I e MI desfrutando da aula.

I. ficava em pé no colo da mãe e levantava o menino próximo do rosto da mesma, passava a mão nos braços e nas costas da mãe. A mãe abraçava o filho. A seguir, pegou a almofada e iniciou uma brincadeira de esconde-esconde com o filho. Quando ele a achou, a mesma disse: “Acho, acho!”. I. e a mãe sorriram, a mãe repetiu a brincadeira e I. gostou. Passa a mão no rosto da mãe, sorriu fígado pelo gozo da brincadeira.

CENA 4: I vai atrás de L. espontaneamente na rotina dos balões

L. engatinhou e ficou em frente a I que olhava para ela. Depois, olhou para a professora e se aproximou das costas de L. passando a mão no braço da menina que estava se mexendo em busca de um balão. L. estava de costas para I. que seguia colocando a mão em suas costas e “batendo” como se estivesse chamando L.

As cenas 3 e 4 são evidência que o processo de alienação (KUPFER, 2000) havia se estabelecido em I, o que se confirmou aos 11 meses quando foi avaliado por terapeuta ocupacional, como forma de controle do progresso de I, pois caso essa evolução não se estabilizasse ele passaria por um período de intervenção individual.

Essa avaliação demonstrou que o menino e a mãe já apresentavam diferença quanto à postura e interação quando comparadas ao período anterior aos encontros de musicalização. No primeiro encontro, o menino estava tímido, olhando muito para a avaliadora, com olhar de desconfiança. Estava muito sério, estranhando a avaliadora. A mãe, para que interagisse, propôs-se cantar as músicas que cantavam nos encontros. I. as reconheceu e dançou timidamente. O menino olhava apaixonado para a mãe. Quando a mãe terminou, a terapeuta vibrou, dizendo: “que foi lindo e que a mãe merecia um obrigado”. O menino fez então cafuné com a cabeça no corpo da mãe, e enrolou-se na roupa dela.

Uma cena fundamental que demonstrou a instalação de I. na comunicação com o outro, foi quando ele chupava o dedo e a terapeuta pediu um pedaço, pois parecia gostoso. O menino provocou a terapeuta sugando mais forte seu dedo, até que deu um dedo para ela. A

mãe apresentava-se naquele momento muito interpretativa, compreendendo tudo, e ajudando I. a se comunicar com a terapeuta.

No segundo encontro, a mãe demonstrou ainda mais seu afeto, respeito e interação com o menino. A terapeuta pede permissão à mãe de se aproximar com um brinquedo e MI devolve a pergunta a I., esperando sua resposta, ela diz: “acho que ele está em dúvida”.

Em seu relato, MI afirmou que I. estava mais curioso e que antes era muito parado. Relata também que ele chamava a mãe de mama e o irmão de mano. Em sua fala MI diz: “ele está mais solto”. Também afirmou que as músicas estão inseridas na rotina familiar, em especial que ele gostava da Galinha Pintadinha.

A partir das breves observações aqui realizadas é possível hipotetizar que I. conseguiu modalizar perceptivamente e integrar as informações sensoriais (GOLSE, 2013) necessárias para que houvesse um sentido na exploração do objeto. Fato que se intensifica, gradativamente, a partir do sexto encontro, no qual evidencia o reconhecimento do próprio nome.

Em relação a MI percebe-se que ela identificou que o “manhês” “fisgava” a atenção de seu filho, e como era uma mãe que fazia uma adaptação ativa ao seu bebê (WINNICOTT, 1999), rapidamente modificou seu comportamento ao perceber que isso funcionava bem com I. Cabe ressaltar a importância do grupo como fator de estimulação para esta mãe modificar seu comportamento, sem que fosse necessário orientar verbalmente, pois a mudança se deu apenas pelo modelo positivo fornecido pela professora e por ML.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo geral de analisar os efeitos de musicalização em um caso de risco psíquico (I-MI) foi possível observar a efetividade da proposta, pois na última coleta dos sinais PREAUT e dos IRDIs, realizada após a intervenção I. estava sem risco psíquico, o que se confirmou na avaliação da terapeuta ocupacional dois meses depois.

A música foi uma forma de intervenção precoce positiva e efetiva, com a vantagem de não se apresentar como uma terapêutica tradicional, que, muitas vezes, não apresenta a adesão dos familiares. Também porque não despertou qualquer fantasma no imaginário familiar em situações em que não há séries barulhentas ou a percepção de sintomas pelos familiares como no caso de I.

O estudo sugere, ainda, que a proposta organizada por Esther Beyer é ampla e adequada para embasar esse trabalho, pois considera, simultaneamente, aspectos cognitivos,

afetivos e neuromaturativos. Apresentando espaços para adaptações e inovações, por não se tratar de método e menos ainda, fechado, mas uma abordagem do desenvolvimento infantil em que a música é o tema principal que favorece o laço entre o bebê e seu outro primordial.

REFERÊNCIAS

BELTRAMI, L. *et al.* Ansiedade materna puerperal e risco para o desenvolvimento infantil. In: **Distúrb. Comum.**, 25(2), 2013. p. 229-39.

BEYER, E. Cante, bebê, que eu estou ouvindo. In: **O som e a criticidade**. Santa Maria: UFSM, 2005.

CARVALHO, G.M. . O ritmo como questão nas manifestações singulares do autista. In: **Rev Latinoam. Psicopat. Fund.** 15(4), 2012. p. 781-797.

COHEN D. *et al.* Do parentese prosody and father's involvement in interacting facilitate social interaction in infants who later develop autism? In: **PLoS One**. n. 5, 2013.

CRESTANI, A. H.; MORAES, A. B.; RAMOS-SOUZA, A. P. Análise da associação entre índices de risco ao desenvolvimento infantil e produção de fala inicial entre 13 e 16 meses. In: **Rev. CEFAC**, 17(1), 2015. p. 169-176.

CORREA, A.N.; BELLOCHIO, C.R. Esther Beyer: contribuições para educação musical brasileira. In: **Revista da ABEM**, 2010, 23. p. 95-97.

GOLSE, B. O autismo infantil, a intersubjetividade e a subjetivação entre as neurociências e a psicanálise. In: MARIN, I. K.; ARAGÃO, R. O.(Org.). In: **Do que fala o corpo do bebê**. São Paulo: Escuta, 2013. p. 263-278.

JANUÁRIO, L. M.; TAFURI, M. I. A relação transferencial com crianças autistas: uma contribuição a partir do referencial de Winnicott. In: **Psic.Clín.**, 22(1), 2010. p. 57-70.

KUPFER, M.C.M.; BERNARDINO, L. M. F. As relações entre construção da imagem corporal, função paterna e hiperatividade: reflexões a partir da pesquisa IRDI. In: **Revista latinoam. Psicopatol.** 12(1), Fundam. São Paulo, 2008. p. 45-58.

KUPFER, M. C. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**. 11 (1), 2000. p. 85-105.

LAZNIK, M. C. A hora e a vez do bebê. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

MURATORI, F. **O diagnóstico precoce no autismo**: guia prático para pediatras. Salvador: Ed. Núcleo Interdisciplinar de Intervenção Precoce de Bahia: Salvador, 2014.

NASCIMENTO, P.S. *et al.* Comportamentos de crianças do espectro do autismo com seus pares no contexto da educação musical. In: **Rev. Brasileira de Educ. Especial**. 21(1), 2015. p. 93-110.

SAINT-GEORGES, C. *et al.* Do Parents Recognize Autistic Deviant Behavior Long before Diagnosis? Taking into Account Interaction Using Computational Methods. **Plos One.** 8 (10), **2011.** p. 1-17.

STAHLSCHMIDT, A. P. M. **A canção do desejo:** da voz materna ao brincar com os sons, a função da música na estruturação psíquica do bebê e sua constituição como sujeito. Tese Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002, 322 p.

THEVARTHEN, C.; DELAFIELD- BUTT, J. T. **Autism as a developmental disorder in intentional movement and affective engagement.** 7(17), 2013. p. 1-15.

VIANNA, M.N.S. *et al.* Music Therapy may increase breastfeeding rates among mothers of premature newborns: a randomized controlled trial. In: **Jornal de Pediatria.** 87(3), 2011. p. 206-212.